

Biblioteca Pública de

Braga

TudoVA Livre13
JANEIRO
1962**SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES**

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — **AMARES****Curiosidades Literárias****SÁ DE MIRANDA***Do Jornal «O Despertar», de Coimbra, transcrevemos:*

Um amigo que muito prezo, pela sua cultura e elevado espírito, manifestou-me o desejo de que eu voltasse a ocupar-me de Francisco de Sá de Miranda.

Com efeito nunca é demais exaltar a memória de tão notável e glorioso conimbricense, figura de singular destaque pelo seu talento literário e excelsas virtudes.

Como os leitores sabem, defendi com insistência a ideia de se aproveitar a data do quarto centenário da morte do poeta para se lhe prestar condigno preito o que competia, em especial, à cidade de Coimbra. Ponco ou nada se fez nesse sentido, pelo menos oficialmente. Alegou-se que havia dúvidas sobre o dia e o mês; porém o ano estava averiguado, e não encontrei, em diversas obras consultadas, a mais leve divergência. Sá de Miranda faleceu no seu retiro do Minho, (na Quinta da Tapada, perto das Duas Igrejas) em 1558. (Está sepultado na igreja de S. Martinho de Carrazedo.)

O pormenor do dia e do mês tinha um interesse secundário. Não havia, por isso, razão para se cruzarem os braços, deixando, uma vez mais

em aberto uma enorme dívida que pesa, há quatro séculos, sobre a consciência da cidade de Coimbra.

A par dos seus méritos como poeta e escritor, Sá de Miranda foi um verdadeiro mestre dos poetas do seu tempo. Colheu em Espanha e Itália, nas suas longas viagens de estudo, preciosos elementos, com os quais abriu novos caminhos e

mais largos horizontes à poesia, que estagnara em velhas fórmulas. O soneto, a canção, o terceto, a écloga, a oitava rima (que mais tarde Luís de Camões utilizou fulgurantemente no seu poema) foram as grandes novidades que nos trouxe, e que ele próprio exemplificou nas suas obras,

(Continua na 3.ª página)

O ULTIMO OCIDENTAL

Uma coisa impressiona, sobremodo, neste discurso histórico do sr. Presidente do Conselho. E ela é a certeza de uma vontade, a tenacidade invencível de uma inteligência esclarecida, o pensamento lúcido, que se exalta luminosamente, a certeza de um Direito. Este discurso de Salazar é dos maiores documentos da História de uma civilização em crise!

É espantosa, dominadora, verdadeiramente espartana, a vontade deste Homem de Estado, que dos princípios extrai todo um mundo de acção, todas as energias lógicas, ao cabo vencedoras!

Nem uma transigência; nem um leve abrir de mão; nem cêndencia habilidosa. O Direito é o Direito! Pode ser vencido pela força, esmagado pelas ideias dos tempos novos — mas dele não se arreda pé. Pode ser momentaneamente postergado — mas ele é a verdadeira força, ele é o nosso arrimo, ele é a base de qualquer sociedade que justamente pretenda sobreviver.

O Direito é o Direito — e nem o esbulho o consegue vencer. O Estado Português da Índia só seria da União Indiana se o roubo fundamentasse posses territoriais!

Pertinácia admirável, tenacidade renascente a cada dificuldade, vontade mais forte do que a força dos ventos, inteligência repleta de certezas — ele é, na verdade, a grande figura, a gigantesca, imponente figura desta viragem dolorosa do nosso tempo. Ele excede aquele Aécio magestoso e imponente que recebeu na His-

tória o cognome de *o último Romano!*

Salazar, neste lúgubre dobre de finados do Ocidente, mais parece a encarnação do *último Ocidental*, o último baluarte de fé deste Ocidente desvairado!

O Direito é o Direito — e nem a violência o vencerá. A violência pode criar situações de facto, mas, para além delas, o Direito permanece e afirma-se como realidade intangível. Por isso mesmo, a *questão de Goa* só agora começou!

Sim, agora, começa a questão de Goa. No assalto, revelaram-se as cobardes tibiezas de alguns amigos, as indignas traições de outros, a insuficiên-

(Continua na 6.ª página)

O SENHOR MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Visita o túmulo e monumento a Sá de Miranda em

15 de Março

Está anunciada para 15 de Março próximo, a visita de Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional, ao túmulo e monumento a Sá de Miranda, comemorando o 404.º aniversário da morte do ígrio poeta, gló-

português que quiz, viver, morrer e ser sepultado no nosso concelho.

A tal honra e tal dedicação bem têm querido as forças vivas do Concelho corresponder erigindo-lhe um condigno monumento que espera a Comissão inaugurar nesse dia.

Está pois o dia 15 de Março destinado a ser um dia grande para todos os intelectuais que em grande roma-

gem aqui devem vir.

Estão também as autoridades empenhadas em tornar esse dia bem digno do poeta. Oxalá se confirme a notícia.

**A GUINÉ PORTUGUESA**

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

Os rios, Portos, Ilhas e o Continente, desde que ficassem livres desses intrusos estrangeiros, canalizariam os produtos do gentio, por mãos de portugueses, para a Praça de Cacheu e essa viveria, novamente, dias de grande esplendor.

Com os direitos arrecadados poder-se-ia fortificar os Rios, Portos e Praças que estivessem mais expostos à arrogante ambição de estranhos.

Depois de tudo fortificado e defendido já se poderia exercer, eficazmente, a nossa Soberania em toda a Costa da Guiné.

As autoridades desde que

estivessem livres das constantes preocupações, cansados pela irritante permanência dos estrangeiros, e reduzissem à obediência todas as tribus que constituíam — e constituem — a matização gentílica do panorama populacional, poderiam, com o seu espírito activo de colonizadoras, promover o progresso naquele Domínio e exercerem sobre os seus habitantes uma salutar acção civilizadora que os arrancasse, embora lentamente, aos seus usos e costumes primitivos, fazendo deles seres úteis a si próprios e à terra que lhes serviu de berço.

(Continua na 5.ª página)

Sá de Miranda**1481—1558?**

Tem-se discutido e muito a data do nascimento do introductor do Classicismo em Portugal. Dantes apresentava-se como certo o ano de 1495. Hoje devido sobretudo ao trabalho de José de Sousa Machado assentam-se em 1481 (28 de Agosto).

Era neto de João Gonçalves de Miranda e de D. Filipa de Sá, que viviam em Buarcos. Os pais chamavam-se Gonçalo Mendes de Sá e D. Inês de Melo.

Francisco, o mais velho de 9 irmãos, 6 rapazes e 3 meninas, nasceu em Coimbra e passou, segundo parece, a infância com os avós.

Continua na 4.ª página

MISSA DO SÉTIMO DIA pelo Tenente-Coronel JAIME DA FONSECA

O Movimento Nacional Feminino mandou rezar no passado dia 8 às 9,30 na igreja de Amares, uma Missa por alma de Sua Ex.ª o Senhor Secretário de Estado do Exército, Tenente-Coronel Jaime da Fonseca.

Foi celebrante o Rv. do Senhor Pe. Bernardino Vieira e estavam presentes todas as Autoridades Concelhias.

Arcipreste Pe. Albino F. Alves, Câmara Municipal, U. N., Comandantes da L. P. e G.N.R., Direcção dos B. V., Grémio da Lavoura, Casas do Povo e Juntas de Freguesia de Amares e Ferreiros.

TRIBUNA AGRÍCOLA

Reflectindo sobre adubação

Pode afirmar-se, sem receio de desmentido, que a adubação é uma das mais importantes práticas agrícolas. Embora no dealbar dos séculos ela já tivesse existido, o problema actual da adubação libertou-se quase que inteiramente do cunho empirista de ontem, passando a técnica apoiada em bases científicas cada vez mais sólidas. Mesmo assim, a associação simbiótica carácter empírico em comunhão com carácter científico puro continua a persistir, servindo-se dos conhecimentos não poucas vezes valiosos que nos foram transmitidos de geração em geração e em nada merecedores de serem expulsos do património do homem, sem primeiro sofrerem análise consciente, à luz do cientifismo moderno. Há óptimas parcelas de terreno onde continuam a perdurar técnicas ancestrais; a experiência multissecular é um volume demasiado valioso para ser atirado para o abandono.

Cita Winwood Read, no seu livro «O martírio do Homem», uma passagem bastante elucida o aparecimento da agricultura e do primeiro fertilizante: «quando as habitações, dum clam eram fixas, acontecia muitas vezes esgotarem-se as provisões vizinhas de plantas comestíveis e a escassez sugeriu a ideia de semear e transplantar. É provável que a agricultura tivesse sido uma invenção feminina e é certo, em todo o caso, que foi a princípio uma ocupação feminina. Primeiro lançava-se fogo ao cerrado a fim de desimpedir o espaço da roça, e as mulheres por demais indolentes para limpar a cinza do chão arremessavam-lhe as sementes. Mas a cinza serviu de adubo e surgiram variedades de jardim de plantas silvestres.» Como se depreende facilmente; este primeiro adubo, que ainda na nossa era é de uso corrente nas populações mais rústicas, foi praticamente obra do acaso; outros que meditaram no assunto - ou que dele apenas tomaram conhecimento, passaram a aplicá-lo como sistema. Mas só quando o homem se tornou verdadeiramente sedentário teve ocasião de reunir todos os seus dados, as suas observações, e aplicá-los com subida inteligência.

Posteriormente, no Neolítico, o homem aprendeu a domesticar os animais, aproveitando a carne o trabalho e o estrume. Entrara definitivamente no bom caminho.

Os princípios obscuros das adubações foram progressivamente iluminados pelas pertinentes reflexões humanas. A inteligência tomou os dados existentes e, como se de escultor se tratasse, modelou um ra-

mo de saber, deu-lhe asas e uma rota para se orientar. Através dos séculos esse ramo foi sucessivamente engrossando, fortalecendo-se com novas concepções, e deixando cair nas profundezas do abismo dos tempos a casca seca, fendilhada, inútil.

Hoje em dia o problema da fertilização atingiu um desenvolvimento extraordinário, tornando-se difícil dizer qualquer coisa sobre ele, sem se correr o risco de dar unicamente uma pálida amostra. Os adubos são em tão grande número e de naturezas tão distintas que, para se estudarem em pormenor, necessitam dum trabalho demasiado fastidioso para estas linhas.

O objectivo que principalmente se visa com a aplicação de fertilizantes no solo é o de fornecer substâncias nutritivas às plantas, mas essa adição faz-se geralmente com o fim de completar os constituintes do solo, e não como agente isolado. As culturas ainda que fertilizadas, continuam a depender do solo para conseguências minerais de que necessitam, a menos que o terreno seja muito arenoso e mínimo o teor em matéria orgânica.

Crê-se que, além de completarem as substâncias nutritivas já existentes no solo, os adubos têm a função de equilíbrio entre os elementos necessários à nutrição, evitando estimulações limites nas culturas e condições fisiológicas anormais.

Ultimamente tem-se estudado uma outra faceta da questão que, por julgar-se imponderante, se havia mantido no esquecimento. Quando se aplicam fertilizantes no solo, a sua influência divide-se pelas plantas superiores e pelos microrganismos. As bactérias e os fungos, por exemplo, tendo mais facilidade em obter os elementos de que necessitam a partir dos adubos ministrados ao solo, são naturalmente os primeiros a fornecerem-se. Então verifica-se que só de algum resíduo deixado pela flora microbiana é que as plantas vêm a beneficiar. Assim, uma aplicação de fertilizantes que previamente fora calculada em função das necessidades de uma determinada planta pode fracassar redondamente, em virtude da fixação química e da bioquímica. Os microrganismos do solo competem vivamente com as plantas superiores, mormente no que diz respeito ao azoto; uma tonelada de peso vivo de microrganismos é equivalente a mais de 140 quilos de nitrato de sódio!

O aspecto mais moderno das adubações é sem dúvida o da absorção dos fertilizantes

por via foliar. Embora o conhecimento deste sistema já venha do século passado, só há poucos anos voltou a ser objecto de estudo e ao mesmo tempo que a utilização dos isótopos radioactivos na investigação agrónomica se tornou sistema quase obrigatório. Seria erro pensar que a adubação foliar substitui totalmente a absorção radicular. Com efeito, esta não se extingue por completo e a adubação por intermédio das folhas e de alguns caules tenros toma assim aspecto complementar. Os aspectos mais interessantes da aplicação deste tipo de fertilizantes verifica-se precisamente nos casos em que são contra indicadas as adubações no solo.

São três os macroelementos indispensáveis à vida das plantas superiores: azoto, fósforo e potássio. Na sua influência sobre o crescimento vegetal tendem a equilibrar-se e a completar-se. Daqui surgiu naturalmente a ideia de que se poderiam melhorar os rendimentos nas aplicações, através de estudos laboratoriais, pôde chegar-se à conclusão de que um fertilizante é susceptível de aproximar-se da designação ideal, quando completar os elementos nutritivos já existentes no solo ao ponto de dar à planta a proporção justamente correcta de azoto, fósforo e potássio. Estes três elementos, embora todos igualmente indispensáveis, têm funções bastante diferentes no metabolismo vegetal.

O azoto parece ser o que produz efeitos mais rápidos e mais pronunciados, quando em excesso ou até mesmo em proporção moderada. Activa o crescimento aéreo e dá às folhas coloração verde pronunciada. Nos cereais provoca o aumento do volume do grão e da percentagem de proteínas. Em todas as plantas tem efeito regulador pois que, dentro de certos limites, orienta a assimilação do potássio, do ácido fosfórico e doutros constituintes. Em proporções demasiadas pode atrasar a maturação, ao fomentar um crescimento vegetativo exagerado e tornando mais vulneráveis as plantas às geadas. Nos cereais obriga a um alongamento dos entrenós, tornando-os demasiado débeis para aguentarem o peso da espiga. Nas frutas, em especial, pode diminuir a qualidade e, dum modo geral, em todas as espécies vegetais torna-as menos resistentes às doenças.

O fósforo tem especial interesse na floração e na frutificação, as quais dele dependem inteiramente. Neutraliza a acção dum excesso de azoto e provoca um maior desenvol-

EDITORIAL

Saber mais

Após milénios de luta entre a terra e o homem conseguiu este, mercê de porfiados esforços, descobrir os ensinamentos técnicos e científicos que lhe permitem exigir à terra que lhe forneça certos bens indispensáveis à sua manutenção.

O homem-mendigo que outrora resignada e tímidamente suplicava à terra que lhe desse a esmola dos seus frutos, transformou-se no Senhor de hoje, que já não pede, mas que pode, exigir que lho dê. Porém, para que possa exigir, é indispensável «saber mais». Saber quais os principais técnicos e científicos fundamentais a aplicar à sua tarefa, como e quan-

vimento radicular, pelo que é indispensável nas sementeiras de Outono. Aumenta a relação grão-palha e a resistência desta. Além disso melhora o sabor das hortaliças e aumenta a resistência às enfermidades. Pela sua falta as plantas exibem um sistema radicular pouco desenvolvido e folhas bronzeadas ou amareladas.

A influência do potássio traduz-se no bom aspecto geral da planta e no seu vigor. Tem acção equilibrante sobre o azoto e o fósforo. É indispensável na formação do amido, na transformação dos açúcares e necessário na formação da clorofila, ainda que não intervenha directamente na sua estrutura molecular. Uma proporção conveniente de potássio dá origem a uma boa assimilação de bióxido de carbono, à utilização do azoto dos nitratos na síntese das proteínas, à absorção de água e a um desenvolvimento radicular adequado.

Apesar dos indubitáveis progressos e da marcha crescente da divulgação, verifica-se, lamentavelmente, que se continuam a cometer sucessivos erros, possíveis causas de futuras catástrofes. Um dos que mais vulgarmente temos observado é o da aplicação inconsciente deste ou daquele adubo: porque um amigo aconselha, porque a rádio ou a televisão espalha aos quatro ventos a supremacia dum determinado fertilizante, eis duas razões soberbamente concludentes. É possível que um dado adubo possua qualidades excelentes; mas porque se não indica, a par do reclamo dessas qualidades o inconveniente do seu uso em condições indevidas? As plantas não têm todas a mesma carência de elementos além de que os solos em que se desenvolvem possuem composições bem diversas tudo isto ainda estreitamente dependente das condições climáticas.

Continua na 4.ª página

do aplicá-los, eis a nova «enxada» do homem do campo dos nossos dias. Os velhos métodos de exploração das actividades agropecuárias são incompatíveis como progresso dos tempos modernos. Saber mais é, pois, uma imperiosa necessidade imposta ao camponês dos nossos dias.

Se é certo que nalguns aspectos o aumento do saber só é possível através de um adequado ensino, também não é menos certo que, uma grande parte, está ao alcance do interessado. Hoje, já se encontram publicações versando todos os temas ligados às actividades agro-pecuárias, e em linguagem acessível a todos. Vamos pois, aprender mais, para podermos produzir mais e melhor e ao mais baixo preço, o que poderá traduzir-se, se todos assim o quiserem, numa melhoria do bem-estar rural.

Aos Avicultores

Dentro as variadas doenças que atacam os pintos dos dez aos quinze dias de idade, a Coccidiose é uma das mais frequentes e das mais graves.

Embora tenha tratamento, será mais económico evitá-la. Para isso dê aos pintos uma alimentação equilibrada, evite a humidade das camas, não aloje pintos onde estiveram aves de idade mais avançada e, finalmente, adicione à ração um medicamento preventivo.

* * *

As aves apresentam, com frequência, o vício de comer os ovos, ou ovofagia. Sempre que tal aconteça reveja a composição das rações, pois é provável tratar-se dum desequilíbrio ou carência mineral.

Tenha sempre à disposição das aves, em comedouros especiais, farinha de casca de ostra ou qualquer outro produto rico em cálcio.

Aos Bovicultores

A elevada mortalidade que se verifica nos vitelos, logo a seguir ao parto, é um factor que pesa grandemente na economia do criador. Evite-o, portanto, adoptando entre outras as seguintes medidas: Procure estar presente na altura do parto, e sempre que o vitelo tenha quaisquer membranas ou mucosidades na boca ou narinas, remova-as imediatamente. Se o recém-nascido ficar deitado e sem respirar, comprima e relaxe, alternadamente, com as mãos, a região do torax até que o animal inicie a respiração. Se a mãe não lambe, enxugue-o com um pano limpo e seco.

TRIBUNA do CONCELHO

Curiosidades literárias

SÁ DE MIRANDA

(Continuação da 1.ª página)

para mais eficazmente realizar a grandiosa tarefa que empreendera. Foi também o introdutor do teatro clássico em Portugal.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos consagrou à vida e obra de Sá de Miranda um extenso e profundo estudo trabalho, a todos os títulos, notabilíssimo.

Segundo refere a douta escritora, não havia poeta que fosse mais lido nos séculos XVII e XVIII (excepto Camões, como épico) do que Sá de Miranda. Nenhum foi mais vezes citado e imitado, estabelecendo-se, com os anos, uma tradição ininterrupta de louvores entusiásticos.

Se foi assim tão celebrado o prestígio do nobre poeta, era lógico e natural que Coimbra não ocultasse o seu orgulho por se tratar dum dos seus filhos mais ilustres e prestimosos.

Já noutro artigo transcrevi estas eloquentes palavras de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos: «mos um Bernardes; sem Miranda não havia um Ferreira, um Caminha; sem Miranda não florescia Camões». De facto, os maiores poetas do tempo

de Sá de Miranda foram por ele alta e benêficamente influenciados.

Entre os discípulos que com ele privaram, figuram: António Ferreira, autor da tragédia *Castro* e um dos nossos mais categorizados clássicos, e Diogo Bernardes, um dos nossos maiores poetas líricos (especialmente do género bucólico) de todos os tempos.

* * *

Deliberou-se, há cerca de três ou quatro anos, consagrar no bronze, ou no mármore, a nobre e austera figura de Francisco de Sá de Miranda. Foi reslvido erigir-lhe um busto, que seria colocado num dos melhores jardins ou avenidas da cidade. Incumbiu-se um hábil artista conimbricense de executar o respectivo projecto, o que ele prontamente cumpriu. Para a realização definitiva da obra, tornavam-se, porém indispensáveis certas indicações ou formalidades, de carácter técnico, com respeito a dimensões, etc. Tais elementos ainda não foram fornecidos, louvável iniciativa não caia no esquecimento. São estes os meus ardentes votos.

Nicolau da Fonseca

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — O senhor Adão Arantes Russell e a menina Maria de Fátima Vieira de Andrade.

Amanhã — O senhor Manuel Augusto Alves Vilariano e o senhor Basílio da Silva.

Dia 15 — O senhor João Batista Rodrigues Saraiiva e a menina Maria Filomena de Sousa A. Menezes.

Dia 16 — A Senhora D. Isabel Barbosa de Macedo e o Senhor José Joaquim da Costa Azevedo.

* * *

Passou na passada Quinta-feira dia 11 do corrente o seu aniversário natalício o nosso particular amigo senhor Jose Rodrigues Tavares, residente no Rio de Janeiro.

Por tão alegre data seus pais, irmãos, amigos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta

* * *

Passa amanhã dia 14 o seu aniversário natalício o senhor Manuel da Silva Gomes, empregado da Tipografia A Modelar.

Por tão alegre data seus colegas de trabalho desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por longos anos na companhia de sua esposa e filhos.

RENDUFE

A Punição de um Crime

Todos os portugueses que vivem para a Pátria e para a felicidade de todos os portugueses que dela se orgulham, aguardam com expectativa o desfecho do hidiondo crime que se praticou em Beja. Os responsáveis, duplamente responsáveis por serem militares com juramento de Bandeira, terão prerrogativas sociais para tratamento e aguardarão um presídio que lhe mandam chaves para poder ir visitar o Galvão e Delgado a Belo Horizonte?

Ou temos que lembrar o que fez em Cuba o Fidel de Castro para impor a obediência e o respeito?

Visita Ministerial

O Paroco de Carragedo conta este ano com a visita do

Esclarecimento

A bem dos serviços públicos do concelho de Amares que, por força de Lei, encerram às 17h30, a camioneta da carreadas 17 h., passou, desde o dia 1 do corrente mês, a sair da Feira Nova aquela hora (17,30) o que muito beneficia o comércio local e todos os munícipes.

A referida camioneta das 17h30 conduz as últimas malas do correio para Braga, e para o Sul, e mercê dos bons officios dos C. T. T. solicitados pela Câmara de Amares, quando aquela camionete não apanhe o combóio das 18h20, o que geralmente acontece às 4.ªs feiras, devido à feira naquele concelho, o correio segue na ambulância privativa dos C. T. T.

Estão em curso outras demarches perante a C. P. (Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses), no sentido de que se altere o horário da par-

tida do combóio das 18h20, para as 18h35, como já era antigamente, a fim de se evitar que o Correio venha a ser expedido, de Amares, um pouco cedo de mais, pela camioneta das 15h40, o que só se fará em último recuso, portanto.

Havendo interesse, para o comércio de Braga, na alteração do horário daquele combóio, aqui fica este esclarecimento, esperanças de que ajudem e patrocinem este alvitre daquela Câmara Municipal e, decerto, dos C. T. T. de Braga, por intermédio do seu Grémio.

D. Cristina Ferreira Arantes

Missa do 7.º dia

Na próxima segunda-feira pelas 8 h. na Igreja Paroquial de Carragedo, e terça-feira há mesma hora na Igreja de Rendufe celebra a missa do 7.º dia por alma da Veneranda Senhora D. Cristina Ferreira Arantes, mãe querida dos Ex.mos Senhores João e Manuel Arantes Rodrigues, Aparício Arantes Rodrigues, D. Carolina Rodrigues, D. Amélia e Delfina Rodrigues, que desde já agradecem a presença ao piedoso acto. É celebrante o pároco da freguesia de Carragedo P.e José Alves Duarte acolitado por dois colegas.

C.

ANIVERSÁRIO

Passou mais um aniversário natalício no dia 3 do corrente, a nossa ilustre assinante Senhora Maria Virgínia Arantes Russel, ausente em França.

Por tão faustosa data Tribuna Livre, felicita a aniversariante e deseja-lhe que esta data se repita por longos anos.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares

FALECIMENTO

D. Cristina Arantes Rodrigues

Em sua casa de morada, sita na freguesia de Rendufe, deste concelho, faleceu, na passada segunda feira, a senhora D. Cristina Arantes Rodrigues, viúva, de 77 anos.

Era viúva do sr. José Rodrigues e mãe dos srs. drs. Manuel Arantes Rodrigues, conservador do Registo Civil, João Arantes Rodrigues, Chefe de Gabinete do Ministro das Finanças, Luiz Arantes Rodrigues, Delfina Arantes Rodrigues, Aparício Arantes Rodrigues, ausente, D. Emília Arantes Rodrigues, e D. Carolina Arantes Rodrigues, professora oficial; e sogra das sr.ªs D. Alice de Jesus Amorim Arantes Rodrigues, D. Georgina Maria Dantas Arantes Rodrigues, D. Iracema Arantes Rodrigues, e do sr. Reinaldo Azevedo.

A piedosa Senhora encontrava-se no leito há dias sendo já esperado o triste desenlace, que se verificou depois de ter sido assistida com os últimos Sacramentos.

À família enlutada as nossas condolências.

ANIVERSÁRIO

Passa hoje dia 13, o seu aniversário natalício, o Seminarista, sr. Manuel de Azevedo Tinoco.

Por tão alegre data seus pais, irmãs e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se prolongue por muitos anos, são os votos sinceros do seu amigo. A.P.

SALVÉ 17-1-962

Passa no próximo dia 17 do corrente o seu aniversário natalício a menina Laura de Jesus Rodrigues da Silva.

Por tão alegre data seus pais, irmãos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos na companhia de sua família.

EXAMES DE ADMISSÃO

Aos Liceus, Escolas Técnicas, e SEMINÁRIOS

Aceitam-se alunos a partir de 15 do corrente.

Falar nesta Redacção.

SÁ DE MIRANDA

(Continuação da 1.ª página)

Dos primeiros estudos, nada se sabe. Em 1513, estava na Côrte, donde, decerto frequentava a Universidade, então em Lisboa. Formado em Leis, aparece-nos com o título de Doutor, em 1516. Não tinha emprego na Casa Real, porque o seu nome não aparece na lista dos moradores, mas, em compensação obteve um lugar no Desembargo do Paço.

No outono de 1521, chega a Itália. Não se sabe o motivo da partida da Côrte, nem isso interessa muito. Pode ter sido unicamente o desejo de se avistar com os grandes vultos do Renascimento, cuja fama de há muito lhe devia ter chegado aos ouvidos. Fosse por que fosse, o que é certo é ter lá estacionado 5 anos.

Esteve em Milão, Veneza, Florença, Roma, Nápoles e Sicília, a pátria das églogas. Privou com Giovani, Pontano, Bucellai, Bembo, Lantanzio, Sadoletto, Tolomei e Sanasarro. Esteve de visita aos marqueses de Pescara, e não foi sem certo desvanecimento e emoção que veio a fala com a celeberrima Vittoria Colonna (1492—1547), com quem tinha relações de parentesco.

Ao regressar em 1526 passou por Espanha, onde se avistou, parece, com Boscon e com Garcilaso de la Vega, que então se afadavam a implantar o Classicismo no paiz vizinho. Uma vez na Pátria estremeçada, Sá de Miranda estabeleceu-se em Coimbra, sua terra natal e começou desde logo a propaganda das novas ideias literárias. Respondeu de vez com o Mediavialismo, éle o autor de 13 poesias incérbos no Cancioneiro de Resende.

Nas composições em português, como sejam as cartas, glosas e vilancetes, preferiu a redondilha; os hendecassilabos, são, na sua maioria em castelhano, decerto por não julgar ainda a língua Pátria suficientemente maleável para a expressão na medida Italiana. Introduziu o Soneto e a canção de Petrasca, os tercetas de Dante, a oitava rima de Policiano, Boccaccio e Ariosto, as églogas de Sanasarro. Por esse tempo deu-se um acontecimento que muito veio facilitar ao poeta a

propagação dos novos ideais literários. O Rei e a Côrte fogem a uma peste que grava em Lisboa e vão residir na cidade do Mondego. Sá de Miranda, talvez na qualidade de vereador que então seria, saúda o soberano á chegada a Coimbra.

Tem agora junto de si os fidalgos e, melhor ainda, os Infantes letrados e protectores das letras, com quem pode comunicar o seu entusiasmo pela nova escola. Mais que as palavras e o exemplo, dever ter valido a leitura dos livros que trouxera da Itália e emprestaria a um e a outro.

Gil Vicente, que então se encontrava no auge da popularidade, e chasqueado impiedosamente: que não era homem de bom saber, só gostava de facécias e pasquinadas, estava muito longe dos modelos clássicos e chegava ao desprante de chamar autos ás composições em verso.

Para mostrar enquanto a arte dramática Italiana leva vantagem á da comédioprafo português, compõe em prosa e faz representar diante de uma selecta assistência, a comédia «Estrangeira» dedicada ao Cardeal Infante D. Henrique. Era imitação confessada de Plauto, Ferencio e Ariosto, Mestre Gilriposta, e em seus autos mestres picuinhos do antagonista.

No romance da Tapada ficava, porém, com terreno livre porque Sá de Miranda

*Homem dum só parecer,
Dum só rosto e duma só fé,
Dantes quebrar que torcer,
Outra cousa pode ser
Mas da Côrte homem não é.*

E vai-se retirar para o norte, donde jamais volverá.

Recebe D. João III, uma das 414 comendas da Ordem de Cristo, a de Duas Igrejas, concelho de Vila Verde perto das fontes do Neiva. Rendia 180.000 Reis anuais 12 vezes mais que atença de Camões. Adquiriu os terrenos com que organizou a Quinta da Tapada na freguesia de Fiscal Amares, e lá viveu até á morte em 1558. Casou, já um pouco tardiamente com D. Briolanga de Azevedo, de quem teve dois filhos. Gonçalo Mendes de Sá e Jerónimo de Sá Menezes.

Elisio Gonçalves

Reflectindo sobre adubação

Continuação da 2.ª página

Vianna e Silva indica como condições essenciais para a adubação as seis seguintes: 1) objectivo especial da adubação; 2) natureza do solo; 3) época de emprego; 4) preferência das culturas; 5) condições climáticas; 6) preço. Um tanto semelhantes são as normas impostas por T. Lyon e H. Buckman: 1) natureza dos diferentes fertilizantes e dos

seus efeitos; 2) condições e dinâmica do solo; 3) culturas e reacções das mesmas.

Baseados nestas premissas podemos partir para uma técnica racional de fertilização, já porque nelas estão incluídos, quase na totalidade, os casos práticos possíveis. Mas para que ela se possa pôr em prática não basta que existam técnicos competentes; é precisa a colaboração dedicada do lavrador, que deve deixar se-

guir por quem foi encarregado de o fazer. Sabemos que alguns não estarão suficientemente habilitados para compreenderem que na base da nossa sobrevivência está uma remodelação profunda e eficaz de antigos métodos de trabalho, de ineficazes planos de gestão das suas empresas. Mas outros, mais jovens de mentalidade, poderão ter uma influência decisiva numa campa-

inha de valorização agrícola portuguesa. Que num próximo futuro os jovens do nosso campo, a par dos números e das letras, sejam levados a volver os olhos mais para o âmago dos segredos da Natureza, eis um anseio perfeitamente legítimo daqueles que se preocupam com a agricultura portuguesa. Só assim ela poderá ser uma verdadeira agricultura.



MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECCÃO-GERAL DE TRANSPORTES TERRESTRES

| Carreira: — REGULAR DE PASSAGEIROS | | | | | | | | HORÁRIO | | S. BENTO (L. do Santuário) TERRAS DE BOURO (L. da Feiteira) | | | | | | | | | |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------------------------|-------|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--|--|
| Concessionário: Empresa Hoteleira do Gerês, L.da | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| a | | b | | b | | a | | LOCALIDADES | | b | | a | | b | | a | | | |
| Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | Cheg. | Part. | | |
| — | 7,55 | — | 8,30 | — | 16,45 | — | 17,55 | S. Bento | 10,20 | — | 12,35 | — | 18,45 | — | 19,50 | — | — | | |
| 7,35 | 7,56 | 8,50 | 8,51 | 17,05 | 17,06 | 18,15 | 18,16 | Covide | 9,59 | 10,00 | 12,14 | 12,15 | 18,24 | 18,25 | 19,29 | 19,30 | — | | |
| 8,01 | 8,02 | 8,56 | 8,57 | 17,11 | 17,12 | 18,21 | 18,22 | Carvalheira (Cruzamento) | 9,53 | 9,54 | 12,08 | 12,09 | 18,18 | 18,19 | 19,23 | 19,24 | — | | |
| 8,09 | 8,10 | 9,04 | 9,05 | 17,19 | 17,20 | 18,29 | 18,30 | Chamoim | 9,45 | 9,46 | 12,00 | 12,01 | 18,10 | 18,11 | 19,15 | 19,16 | — | | |
| 8,14 | 8,15 | 9,09 | 9,10 | 17,24 | 17,25 | 18,34 | 18,35 | Vilar | 9,40 | 9,41 | 11,55 | 11,56 | 18,05 | 18,06 | 19,10 | 19,11 | — | | |
| 8,25 | — | 9,20 | — | 17,35 | — | 18,45 | — | Terras de Bouro | — | 9,30 | — | 11,45 | — | 17,55 | — | 19,00 | — | | |

OBSERVAÇÕES:

Efectuam-se:

a) — Às Segundas, Terças, Sextas-feiras e Sábados

b) — De 1 de Abril a 31 de Outubro — aos Domingos

NOTA: Não se efectua nos dias 12, 13 e 14 dos meses de Maio a Outubro inclusivè.

AVISO — Estas carreiras têm ligação para Rio Caldo e daqui para Braga ou Gerês conforme os horários respectivos

Este horário anula todos os anteriormente aprovados.

Entra em vigor em 15/1/1962



MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECCÃO-GERAL DE TRANSPORTES TERRESTRES

| Carreira: — REGULAR DE PASSAGEIROS | | | | | | | | HORÁRIO | | RIO CALDO S. BENTO (L. do Santuário) | | | | | |
|--|-----|------|-------|-------|-------|-------|-------|---------|-------|---|--|--|--|--|--|
| Concessionário: Empresa Hoteleira do Gerês L.da | | | | | | | | | | | | | | | |
| Localidades | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | c | b | d | b | a | a | | | | | | | | |
| Rio Caldo | V P | 7,25 | 10,35 | 12,45 | 13,35 | 15,10 | 17,45 | 20,25 | | | | | | | |
| Parada | I | 7,29 | 10,39 | 12,49 | 13,39 | 15,14 | 17,49 | 20,29 | | | | | | | |
| S. Bento | V G | 7,35 | 10,45 | 12,55 | 13,45 | 15,20 | 17,55 | 20,35 | | | | | | | |
| Localidades | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | c | b | d | a | e | a | | | | | | | | |
| S. Bento | V P | 7,10 | 10,20 | 12,35 | 13,05 | 14,50 | 16,25 | 17,30 | 20,10 | | | | | | |
| Parada | I | 7,16 | 10,26 | 12,41 | 13,11 | 14,56 | 16,31 | 17,36 | 20,16 | | | | | | |
| Rio Caldo | V G | 7,20 | 10,30 | 12,45 | 13,15 | 15,00 | 16,35 | 17,40 | 20,20 | | | | | | |

OBSERVAÇÕES:

Efectuam-se:

a) — Excepto aos Domingos

b) — Aos Domingos

c) — Às Segundas, Terças, Sextas e Sábados

d) { De 15 de Maio a 30 de Setembro, —diariamente
De 1 de Outubro a 14 de Maio —excepto Domingos

e) — De 15 de Maio a 30 de Setembro — aos Domingos

AVISO:

Estas carreiras ligam às de Terras de Bouro e Braga Gerês—Braga.

Este horário anula todos os anteriormente aprovados.

Entra em vigor em 15-1-1962

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º- onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. JOÃO DE REI

Antigo concelho, extinto em 1855, explicou-se no *Entre-Homem e Cávado* como veio com o de Terras de Bouro a constituir senhorio da Casa da Tapada pelos de Azevedo.

Ambos muitos sobrecarregados de velhos foros e tributos e de modo a consistirem em pouco mais que a simples honra e galardão para os respectivos donatários, a Casa da Tapada privada de início dos réditos das comendas de Moronho e Duas Igrejas que foram do seu fundador Sá de Miranda, e não eram hereditárias, mal poderia suportar a grandeza de uma casa fidalga, muito menos ombrear com a de Castro a que se ligara.

Daí a natural preocupação e trabalhos em que se debateu e já adivinhados e manifestos no pensamento do fundador e em relação a seus filhos.

Era o luxo das comendas e a sua ambição deu lugar a gravíssimos desacatos em que não se eximiu da fama da sua intervenção o filho segundo, Jerónimo, depois de bem casado e nele instituído o morgado da Tapada.

O malogrado primogénito, Gonçalo, esse havia tentado pela legítima carreira, a das armas, a grandeza de um estado condigno da sua pessoa e da casa que haveria de herdar. Sousa Machado põe em grande questão no seu *Poeta do Neiva* a afirmação do biógrafo anónimo de Sá de Miranda, onde diz que Gonçalo fora à África a servir uma comenda.

Naturalmente e vem precisa de mais prova uma tal asserção. Simplesmente fora levado a ganhar ou merecer lá uma comenda cá. Só o destino trocou em luto e desilusão as esperanças dos pais e o ardor da mocidade.

* * *

Vai agora ver-se pelo seu foral, concedido por El-Rei D. Manuel a São João de Rei, em 25 de Dezembro de 1514, como pouco mais prestava aos seus senhores que a simples e curiosa honraria de fazerem-lhes um arco de flores que os respectivos súbditos tomaram por obrigação. O mais era do Rei, como Sugere a própria denominação local.

Está no *Livro dos foraes novos da comarca dantre Douro e Minho*, a seguir ao de Lanhoso e antes de Larim, Vila-Chão e Penela, assim:

«Foral do cõelho de Sam-hoane de Rey dado pellas Inquiriçoões do toambo.

«Dom Manuel etc.

Mostrasse pollas ditas Inquiriçoões seer a dita terra de Samhoane de Rey obrigada a muytos foros y trebutos assi de quarto y quinto y sexto do pam vinho que ouvessem nos reguengos e casaaes e terras reguengas na dita terra como de marrãas galinhas ovos leitugas e o dito direito senam pagara de favas nem doutros ninhus legumes.

E por estas carnes e cousas meudas foy feito muyto tempo ha comçerto amtre os reguemgueiros e os senhorios que foram dos ditos direitos de pagarem pelas ditas cousas meudas certo numero de castanhas segundo des do dito tempo foram logo repartidas pollas heranças da dita terra assy como os ora pagam segundo adiante vam particularmente postas e decraradas as pessoas que as pagam as quaaes se pagaram nas oytavas do natal. E os ditos ditos (*direitos*) e foros de quarto e quinto se nam assentaram aqui por nam seer necessario por que a todos pubricamente he sabido como pagam os reguengos que cada huu trazem de muyto tempo. E somente decramamos aquy amaneira em que se pagam e ham ao diante de pagar.

Pagamsse os ditos foros depam segundo o dito foral em molhos no campo antes que o pam se dy allevante. E o vinho no lagar e chamam o mordomo ou Réndeyro ante que píssem as uvas e senom for o dia que para isso for chamado a parte o pisara e fará seu vinho. E se nom for a parte atee outro dia aas oras que o chamou pera pisar as uvas partira seu vinho com duas testemunhas. E o foreyro levará o foro que acontecer ao dito real aadega ou celeiro do Senhorio sem mais seer obrigado a outra cousa. E sse assy nom quiserem receber entregallo há a huu home bõo vizinho da dita aadega ao qual mandamos que o Receba e entregue ao moordomo quando lho requerir sem huu nem outro seer mais obrigado. E o linho partira no tendal ou nas casas dos lavradores se o levarem la daugoa.

E depois que o dito pam he partido segundo o toambo sam obrigados os reguemgueiros de levar cada huu ho pam que assy pagou ha cada huma das cinco eiras amtigas que pera isso ha no dito comcelho.

E assy de lho malharem a sua custa dos lavradores. E o Senhorio dos ditos he somente obrigado de dar a cada huma das ditas, cimquo eiras por anno ou çafra dous al-

(Continua no próximo número)

Congregação de N.ª S.ª do Alívio

(Continuação da 6.ª página)

tar cumprimentos de despedida ao seu querido e já saudoso Director Pe. Pedro Romano Rocha, toda a massa Congregada.

A notícia da sua transferência para o Colégio de S. João de Brito em Lisboa, soára como uma bomba nos meios congregados que se viam assim privados da grande figura de Pai espiritual, de Apóstolo e amigo, daquele espírito de rapaz, permita-me Sua Reverência, que também se amoldára àqueles que agora choram este desenlace.

O Padre Rocha, orador dintinto e figura do verdadeiro Cristo na Terra, em boa hora fora colocado como guia da Congregação que muito lhe fica a dever. Ao seu espírito de iniciativa e à confiança que desde a primeira hera inspirára aos Congregados, à sua delicadeza e simpatia, aos seus dotes de verdadeira alma missionária, se rendiam na sua totalidade os espíritos juvenis que lhe foram confiados pelo saudoso fundador desta Obra.

Movido pela vontade de expansão deste alfofre de almas que a Virge do Alívio abençoa, a Congregação virá surgir mais uma ramificação, o Centro da Lage, que ali funciona e que ficará a atestar aos vindouros que por ali passára a benéfica alma do Apóstolo, que ainda tentára a criação de Centros noutras localidades. Durante o tempo da sua Direcção e com pequenos intervalos, os Congregados, uma vez por quinzena, além das reuniões próprias do Organismo, assistiam a uma palestra que visava a formação do rapaz quer sob o ponto de vista espiritual, quer sob a parte social. Assim, as primeiras palestras incidiram sobre os namôros, visando as do ano findo a doutrina social.

À sombra de tão delicada alma, de apóstolo, a vida tinha um sentido diferente da nossa vida, e o ar que se respirava era de alegria e santidade. Mas Deus quisera privar-nos do seu convívio ao fim de uns curtos 16 meses! Que a: Sua vontade seja feita!

O Padre Rocha partira! Mas a sua figura e o seu exemplo jamais serão apagados nesta Congregação!

Um Congregado

Visado pela censura

A Guiné Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

Mas a desmedida ambição e a doentia teimosia de franceses e ingleses, cada vez era maior e toda a sua persiste avidéz era a de arrancarnos, de uma vez para sempre, esse território que descobrimos e que legítima e moralmente procuravamos assegurar os nossos direitos a ele.

Afirmava António de Barros Bezerra, com largos conhecimentos de causa, que uma vez livre essa Conquista das cobichas estranhas, poder-se-ia comerciar livremente com os negros, comprando-lhe os produtos e vendendo-lhes os panos de Cabo Verde, que muito se apreciavam naquele território.

Porém, os desejos das autoridades daquele Domínio, longe de se materializarem em benéficas realidades, transformavam-se em torturantes pesadelos, pois os estrangeiros portaviavam, cada vez mais, em afrontar, com a sua presença, a nossa Soberania toda a Costa da Guiné.

No entanto, a persistência dos portugueses em defender aquele território não esmorecia e quanto maiores eram os ultrages dos estrangeiros mais elevados e gritantes eram os protestos dos nossos compatriotas de antanho.

Contudo, do desejo deveros estranhos pelas costas à consumação do facto havia uma enormíssima distância que levou séculos a percorrer e mesmo assim só depois de nos usurparem uma grande parte daquele Domínio, apesar dos veementes protestos lavrados, é que nos deixaram em paz e sossego até hoje.

António de Barros Bezerra, vendo que nada podia fazer para libertar aquela conquista dos intrusos, por lhe faltar gente e material, e ainda mais o apoio das instâncias superiores, lamentava-se a El-Rei e suplicava ao Monarca que o nomeasse para qualquer missão de serviço em Cabo Verde.

Para convencer o Chefe da Nação, a deferir-lhe o pedido afirmara-lhe que fora muito roubado por Manuel Costa

Pessoa (antigo governador de Cabo Verde) e que durante 25 anos de efectivo serviço prestado à Pátria apenas passara 6 meses em casa com a família.

E para maior peso e consistência do seu pedido, declara a El-Rei que se fosse para Cabo Verde e um dia Cacheu precisasse dos seus serviços correria em seu auxílio com toda a força de que podesse dispor.

Porém, os interesses de Cacheu, nessa ocasião, não podiam dispensar a sua presença e, por isso, ali continuou.

El-Rei, por intermédio do Conselho Ultramarino, escreveu, em 26 de Setembro de 1686, a António de Barros Bezerra, em resposta às cartas recebidas, dizendo-lhe que havia ficado ciente do conteúdo das mesmas, ou seja do estado em que se encontrava a Praça de Cacheu e das obras que ali se tinham realizado, principalmente as que diziam respeito à sua defesa, bem como as das Fortalezas que se haviam construído na Costa por sua régia Ordem.

Na mesma carta o Monarca também se refere à informação dada por António de Barros Bezerra sobre os três navios franceses que havia encontrado, dois em Bolola e um mais para o interior do rio.

No que dizia respeito a Bissau, El-Rei também sabia pela mesma informação—que João de Lafuente, era representante da Feitoria Francesa naquela Capitania e em toda a Costa da Guiné e que pagava os produtos mais caros ao gentio do que os portugueses.

O Governo da Metropole, ciente do que se passava em Cacheu e em toda a Costa da Guiné, nomeou Verissimo de Carvalho da Costa Governador das Ilhas de Cabo Verde e ordenou-lhe que seguisse a ocupar o seu lugar, por via Cacheu, afim de orientar e auxiliar o Capitão-Mór daquela Praça, no que entendesse por conveniente aos interesses daquele Domínio e aos da Coroa.

(Continua no próximo número)



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 22526

Braga

Congregação de Nossa Senhora do Alívio

É com grande regosijo que vemos dia a dia e ano após ano crescer o movimento desta Congregação Mariana que conta nas suas fileiras número pouco inferior a uma centena de rapazes que lutam por um ideal são alicerçado no amor puríssimo da Virgem do Alívio.

Como nos foi gentilmente cedida neste número uma coluna de «O Vilaverdense», faremos aqui um breve resumo das actividades deste simpático organismo, a partir da data da sua reabertura no dia 1 de Outubro passado, no Salão de Artes do Seminário da Torre, com a presença do Rev. Director, bem como dos representantes daquela Comunidade, do Saudoso Pe. Agostinho de Azevedo, Rev. Constantino Vilela, Digno Pároco de Atiães e coadjutor da Lage, Grupo de Escuteiros e J. O. C. F. de Prado, J. A. C. F. de Soutelo, bem como grande número de convidados de Honra, cujo programa oportunamente relatámos através da Imprensa.

No dia 5 de Novembro, realizou-se a inauguração do novo Centro da Lage, no Salão Paroquial desta freguesia, que registou uma grande enchente. Nos lugares de Honra encontravam-se os Snrs. Vice-Presidente da Câmara Municipal, os Snrs. Abade da Lage e Pe. Constantino Vilela, o Snr. Prof. Madeira, a Junta de freguesia e outras figuras de destaque.

Na Sessão, que fora aberta pelo Rev. Pároco da freguesia, usaram da palavra dois Congregados, o primeiro saudando e inaltecendo a presença, o aprumo e a correcção que os rapazes

da Lage sempre souberam manter dentro do Organismo, bem como o carinho com que tanto o Sr. Abade da Lage como o seu Ilustre coadjutor Pe. Constantino Vilela, souberam apresentar a Congregação. Houve também uma parte recreativa em que tomou parte a orquestra da Congregação, bem como o seu já conhecido trio vocal e quinteto infantil. Depois de exibida pelo Grupo Cénico uma pequena mas engraçada peça teatral, usou da palavra o Rev. Pe. Director, agradecendo ao bom Povo da Lage e aos seus Distintos Pastores, a boa colaboração prestada no sentido da criação de mais uma ramificação Congregada.

No passado dia 15 de Novembro, reunidos todos os membros da Congregação, procedeu-se à eleição das Dignidades que hão-de reger o governo do Movimento no ano social de 1961/62. Feita a votação, foram eleitos: para Presidente o Sr. António M. Dias, para 1.º Assistente Domingos da Silva Gonçalves, para 2.º Assistente o Sr. Severino Baptista G. Moreira, para Secretário o Sr. Manuel Gonçalves da Silva, e para Tesoureiro o Sr. António B. G. Moreira.

O Conselho da Congregação de Nossa Senhora do Alívio, reunido em 21 de Novembro, deliberou admitir a Congregados de 5 candidatos, a candidatos 3 Aspirantes e a aspirantes 20 simpatizantes, sendo o maior número destes, vindo do novo Centro da Lage.

Com a maior solenidade de todos os tempos, realizaram-se, no Templo do

Alívio, com a presença de grande número de Congregados, a tomada de posse das Dignidades, bem como a cerimónia das admissões a Congregados, Candidatos e Aspirantes, num total de 28 rapazes que diante da Virgem Santíssima fizeram a sua consagração. À Santa Missa, com ofertório solene, assistiram algumas famílias dos novos Congregados. Registou-se grande número de comunhões. No final, em ambiente de alegria e satisfação, o fotógrafo da Congregação bateu algumas fotos aos novos Congregados, com o seu Director, junto do Andor da Virgem Santíssima.

Na dia 24 de Dezembro, pelas 10,30, acorria ao Seminário da Torre a apresen-

(Continua na 5.ª página)

O ÚLTIMO OCIDENTAL

(Continuação da 1.ª página)

cia do Mundo perante a força desbragada e impudica. No assalto, registaram-se os abandonos, as conviências abomináveis de todas as épocas e humanidades decadentes.

Mas do assalto ficará, como afirmação singular, como farol no meoda cúmplice escuridão, aquilo que resta da civilização ocidental — a coragem e o heroísmo dos portugueses!

O Direito é o Direito — e por isso o Estado Português da Índia não desaparece. O seu Governo muda de sede, os seus órgãos governativos e representativos adaptam-se às novas circunstâncias — mas o Estado Português da Índia, como realidade jurídica, moral e cultural, permanecerá de pé! Há-de ficar, como um remorso apontado à alma do criminoso, como uma espada de fogo que, um dia, vingará a afronta!

Pode a Europa cair, tombar, levada por qualquer outro Zeus, formosa e singularmente esbelta, para o mesmo continente, de onde, entre as formosas oceânides, foi raptada há milênios e milênios. Seria o fim da Europa, pois ela só pôde florir sob esta luz e sobre este solo, para onde a trouxe, em alucinante cavalgada, e touro mitológico, enamorado da Princesa sublime. Seria o fim do Ocidente!

Mas deste novo rapto sinistro — que não pode verificar-se de nenhum modo! — quedaria sempre, em qualquer caso, esta aliciante, esta singular, esta poderosa figura do *último Ocidental*, o último Homem de Estado que, contra tudo e contra todos, acarinhou na vida uma certeza, comungou com o seu povo da mesma verdade, e soube defendê-la de tal modo que, nas colinas dolorosas do descabro, o seu perfil se mostra, sôzinho, impávido, e agigantando-se, na defesa da sua verdade e da sua fé inquebrantável!

Transcrito do Jornal «A Voz»

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Estrangeiro

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

UERBA

HIPÓCRITA E LADRÃO

Quem pudera voltar atrás uns anos,
Empunhar uma espada e ir pra guerra
Combater êsses sujos indianos
Que assolaram de Goa a nossa terra...

Qual anjo Gabriel no paraíso
Banindo as legiões de beizebu,
Assim, cair também e d'improviso
Sobre as bárbaras hostes de Nehrú;

Como o Anjo invencível da Justiça,
Arrasar as fileiras da cobiça
Que se anichou no peito do *pandilha*,

Um ladrão a fingir-se pacifista,
Mas de-veras rafeiro comunista
Ao serviço da ladravaz *quadrilha*...

PERGAMINHOS DE CASTRO

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

D. João o 3.º tirava o barrete aos duques, ficando-lhe coberto por detrás ao marquês de Vila-Real; aos arcebispos fazia um pouco dentro, aos condes punha a mão no barrete sem o tirar nem levantar; saía a Rainha a quando saíam os infantes fora do estrado, das outras vezes esperava-os no estrado e aí lhes fazia mesura. Assentava-se o Cardeal em uma cadeira de espaldas, que lhe punham o pano ou alcafiça. Aos infantes fazia a Rainha mesura e punha-os consigo no estrado com almofadas. Como S. A. estava em cadeira, também lhas punha e dava almofadas aos filhos dos infantes que se levantavam assim um pedaço até chegar S. A. e depois sentavam-se em cima do estrado, em seus lugares, mas não punham as costas na parede. Quando a Rainha comia com os infantes, dava-lhes cadeiras de espaldas e aos filhos dos infantes davam 4 ou 5 almofadas, umas sobre as outras, e isto por lhe não dar cadeiras rasas, que davam ao Sr. D. Duarte.

As infantas dava o veador da Rainha as almofadas, se aí estava; se não as damas aos filhos dos infantes e quando estava muita gente na casa lhas dava um pagem para se não bulirem as damas; e assim dava um pagem cadeira ao Sr. D. Duarte; ao Duque de Bragança lhe dava a cadeira um fidalgo; e ao duque de Aveiro, quando não trazia pagem, dava-lha um reposteiro; daí para baixo a todos, punham os reposteiros almofadas; quando se apresentavam, os infantes com as damas punham-lhe as almofadas onde queriam assentar-se com elas; e daí para cima não havia outro nenhum homem, senão as damas; e se para outra que ali estava junto delas não havia nenhum galante para ela, daí para diante se podiam assentar os fidalgos que quisessem; com as damas e os filhos dos duques, marqueses e condes sen-

tavam-se intervalados como queriam, e a estes punham-se almofadas.

A Rainha levantava-se aos Infantes quando estes iam a sua casa, e faziam-lhe mesura, e estavam em pé até que lhes punham as almofadas; então sentava-se S. A. no estrado onde ficavam as infantas, mas elas não se encontravam à parede em que a Rainha punha as costas; ainda que a punham aí, assentavam-se de modo que ficavam com os rostos para S. A.; e isto mesmo fazia aos infantes, os quais se sentavam no estrado, mas ficavam do modo que se segue (*traçado um esquema em que se vê a posição da Rainha, das infantas D. Maria e D. Isabel, e do infante D. Luís*).

Quando os infantes vinham de fora, de outros lugares, descia a Rainha do estrado, do qual se levantava depois de estar já entrada na sala meia gente da que vinha com o Infante; e em vendo que ele entrava pela porta, começava a dar passos para ele; e conforme o espaço em que a Rainha havia de chegar a S. A. dava ela então dois outros passos mais apressados e mais largos do estrado, segundo o favor que lhe queria fazer então se punha o Infante de joelhos, e não punha o joelho no chão, e pedindo-lhe a mão faziam-se suas mesuras e subia-se para o estrado onde beijavam a mão à Rainha El-Rei, e ali estavam os infantes. O mais velho lhe dava o estribo pelo olho até o Rei pôr o pé nele; e, em cavalgando o ajudavam com outro braço a subir; e, não estando os infantes, fazia isto o Sr. D. Duarte do mesmo modo; e quando estes senhores faltavam fazia-o o Duque de Bragança; e quando todos faltavam fazia-o o estribeiro-mór; e isto o não faziam os senhores clérigos.

Quando El-Rei ia ao campo mandava muitas vezes ao Duque de Bragança que se não descesse quando chegasse ao Paço, por lhe parecer que vinha cansado; e então se despedia de S. A. fazendo-lhe mesura de cavaleira e não partia sem o deixar apeado; e assim não se descia nenhum criado do Duque e partiam com ele, isto por memórias escritas da mão da Sr.ª D. Catarina.

Quando casou D. Miguel, marquês de Vila-Real, com a duquesa D. Filipa de Lencastre, fêz-se auto na varanda do Paço, que chamavam do jogo da pela, e estiveram El-Rei e a Rainha sentados

(CONTINUA)